

deia Sawre Apompu está localizada a cerca de 100 metros da BR-230, a Transamazônica, no trecho correspondente ao quilômetro 43 da Rodovia. Neste núcleo populacional habitam 47 indígenas Munduruku, distribuídos em 06 residências espalhadas por um terreno bastante acidentado, contornado por um estreito córrego. A aldeia Sawre Jaybu está localizada na margem direita do Rio Tapajós, às margens do paraná que divide essa aldeia da comunidade de São Luiz do Tapajós. Nas casas da aldeia, habitam um total de 57 pessoas, distribuídas em 17 residências. Na vila de São Luiz, há outra concentração de residências de indígenas integrantes do grupo de Sawre Jaybu, onde vivem 134 Munduruku. Portanto, fazem parte da aldeia Sawre Jaybu um total de 191 indígenas, divididos nos dois núcleos populacionais (a aldeia e a vila). Os Munduruku de Sawre Ba'pim utilizaram como principais critérios para escolha da abertura das aldeias a presença, na região, de terra preta e de frutíferas que sugerem manejo humano - ambos indicadores de uma área de antiga habitação indígena -, e, também, proximidade de áreas abundantes em caça, pesca e coleta - que, para estes indígenas, são indissociáveis de locais de importância simbólica e sagrada. Para o deslocamento da população Munduruku e o estabelecimento das aldeias da TI Sawre Ba'pim, concorreram tanto fatores de ordem exógena quanto fatores de ordem endógena. Reclamam na primeira categoria o avanço das frentes econômicas na região do Tapajós-Madeira - especialmente o chamado "segundo boom da borracha", a fundação da Missão e do posto do SPI, e a disseminação da atividade garimpeira entre os indígenas. Quanto aos fatores internos, destacam-se a ampla mobilidade historicamente praticada por este povo, a prática de se mudar após a morte de uma pessoa da família - que, junto à feitiçaria, é um dos principais fatores de influência no que diz respeito às práticas de secessão do grupo -, e também critérios socioambientais, como abundância de caça e pesca e presença de terra preta. A escolha dos locais para a construção das aldeias Sawre Apompu e Sawre Jaybu não foi acidental. Trata-se de uma área que os Munduruku da TI Sawre Ba'pim sempre enxergaram como parte de seu território histórico, e que de fato utilizavam, desde pelo menos a década de 1950, para a satisfação de suas necessidades de subsistência e de reprodução física e cultural, e com a qual mantêm uma relação não apenas produtiva, mas também simbólica. Esse território histórico é composto, dentre outras coisas, de redes de parentesco, que o atravessam e determinam os destinos dos deslocamentos. Um território que, além disso, possui para eles a densidade simbólica de ser um espaço que fora habitado por seus antepassados.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS:

A subsistência do povo Munduruku baseia-se nas atividades tradicionais de agricultura, caça, pesca e coleta, desenvolvidas a partir de um conhecimento ecológico refinado, associado a técnicas e saberes sobre o ambiente. Estas atividades são pautadas pelo regime das águas e desenvolvidas em estreita correlação com o calendário ecológico do ambiente amazônico. A cheia e a vazante do Tapajós e de seus afluentes, os períodos de chuvas e estiagens, e os hábitos fenológicos da fauna e da ictiofauna que acompanham estes movimentos, contribuem para conferir à vida cotidiana da aldeia um ritmo cíclico e regular, dividido em duas grandes unidades de tempo: o inverno (época das chuvas, que vai de outubro a março), período de dispersão e escassez, e o verão (época em que chove menos, que vai de abril a setembro), caracterizado pela concentração e abundância. As principais formas de obtenção de proteína são a caça e a pesca, e ambas atividades são essenciais aos Munduruku de Sawre Ba'pim, sendo praticadas o ano inteiro. A caça é realizada com espingardas, arco e flechas e algumas armadilhas. É praticada somente pelos homens (embora as esposas frequentemente os acompanhem na caçada de "espera") e as espécies mais procuradas pelos Munduruku são porco do mato, anta e veado. Além dessas, também o mutum, o tatu, entre outras caças, são bastante apreciadas, embora menos procuradas, devido ao seu tamanho reduzido. A utilização de cachorros para caça também é comum. Os quelônios também são muito apreciados pelos Munduruku. Durante a seca do rio, são capturados com as mãos enquanto desovam e, em alguns casos, pescados com linha e anzol, espinhel ou malhadeira. Os Munduruku têm na pesca, hoje, uma fonte mais regular e confiável de proteína animal - e, embora ocorra com certa regularidade o ano inteiro, é mais produtiva no período da vazante, nos meses de verão. Para a pescaria, é empregada uma variedade de técnicas e instrumentos, os quais, assim como ocorre na caça, são escolhidos segundo a época do ano e a espécie que se deseja capturar. São eles: caniço e anzol, linha e anzol, zagaia, arco e flecha, redes de tipo "malhadeira" e tarrafá, e armadilhas de tipo "espinhel". Além desses métodos, em época de escassez, a pesca com timbó também é realizada. Junto à agricultura, a caça e a pesca, o extrativismo vegetal compõe a base da economia munduruku. Muitas frutas são coletadas da floresta, como buriti, bacaba, ingá, alguns tipos de banana, pupunha e outras. A atividade de coleta fornece alimentos e insumos importantes tanto do ponto de vista nutricional quanto do ponto de vista da sociabilidade, pois, apesar de as mulheres serem mais atuantes nessa atividade, ela é realizada por ambos gêneros, em grupos, e provê a matéria prima básica para a construção de suas casas e artefatos. Além do consumo e do comércio, algumas sementes são usadas pelos Munduruku na confecção de artesanato. Frutas e sementes suprem boa parte das necessidades alimentares da população da área e têm papel importante também no tratamento da saúde. A técnica empregada pelos Munduruku de Sawre Ba'pim no plantio é a agricultura de coivara com rotação de culturas. A agricultura de coivara se caracteriza pela derrubada de uma área de mata nativa ou de capoeira alta e sua posterior queima, de modo que as cinzas resultantes forneçam nutrientes ao solo da floresta, que, sem isso, se caracteriza por possuir baixa fertilidade. O plantio e a manutenção da roça são, tradicionalmente, encargos femininos. Aos homens cabe o trabalho da preparação do terreno. Quando o tempo médio de estiagem chega a quatro ou cinco dias, grupos de trabalho são organizados para a realização do trabalho coletivo, para a derrubada da roça. O principal produto da roça é a mandioca brava (Manihot utilíssima ou Mu: musukita), em suas variedades (principalmente a branca e a amarela); mas diversos outros cultivos são plantados em Sawre Ba'pim, dentre eles: cará, cana, banana, abacaxi, milho e macaxeira. A roça é plantada um pouco antes do fim do verão (setembro/outubro), de modo que as manivas recebam as primeiras chuvas de outubro. Do ponto de vista alimentar, a economia de Sawre Ba'pim é autossuficiente, centrada na agricultura e na caça/pesca. Contudo, fora dessa esfera, muitos utensílios não produzidos pelos Munduruku são necessários. Painéis de alumínio, facões, machados, roupas, material escolar, gasolina para alimentar os motores tipo rabeta, talheres e pratos, sal e uma miríade de outros itens indispensáveis para o trabalho e o

lazer. Atualmente, existem outras fontes seguras de renda, que garantem a obtenção de um mínimo de dinheiro em condições mais dignas de trabalho. Os principais fluxos de dinheiro em Sawre Ba'pim são os salários da minoria de professores e agentes de saúde, a aposentadoria especial rural, a bolsa-família e outros benefícios sociais.

IV - MEIO AMBIENTE:

A terra indígena identificada sofre a influência direta de duas grandes rodovias federais que cortam a Amazônia nos eixos norte-sul e leste-oeste: a BR-163 e a BR-230 (ou Transamazônica), ligando alguns municípios como Itaituba, Trairão, Novo Progresso, Jacareacanga e Rurópolis. Os efeitos diretos dessa influência são evidenciados pelas altas taxas de desmatamento apresentadas nesses municípios, pela ocupação desordenada e não raro irregular de terras e pela exploração predatória de recursos como a madeira e o garimpo de ouro e diamante. As características climáticas do local não fogem ao padrão apresentado pela região amazônica. A temperatura é elevada durante quase o ano todo, com médias anuais em torno de 25,6°C e valores médios para as mínimas em torno de 22,5°C. Todo o sistema de produção, coleta, caça e pesca dos indígenas está associado a padrões climáticos cíclicos que contribuem para imprimir um ritmo regular ao modo de vida das comunidades. Do ponto de vista geomorfológico, indica-se que o relevo da área da Porção Jaybu é suavemente ondulado em sua parte sul, onde estão situadas duas importantes regiões de caça para os Munduruku: o morro Queimado e o morro do Periquito. A aldeia Sawre Jaybu está situada numa área de planície, ao lado do paraná que divide a terra indígena e a comunidade São Luiz, a uma altitude aproximada de 10 metros a partir do rio. Já a área central da aldeia Sawre Apompu está situada na margem da BR-230, a uma altitude aproximada de 40 metros a partir do Rio Tapajós. A Porção Apompu está situada em uma região ondulada suave formando pequenos divisores de águas que drenam a água para os igarapés do Jacaré e da Copaiba. Na Porção Maloca, pode-se observar cotas de altitude mais elevadas em sua porção norte e sudoeste, além dos divisores de águas existentes ao longo de toda a sua extensão, formando vários igarapés de grande importância para os Munduruku de Sawre Ba'pim. O Rio Tapajós é fundamental na vida dos Munduruku. É um importante sítio de pesca e serve como via de acesso a diversos outros locais de caça, pesca e coleta de produtos florestais. É também a principal ligação entre as aldeias do médio Tapajós e a cidade de Itaituba, onde os Munduruku vão em busca dos benefícios sociais e de acesso ao sistema de saúde e a bens de consumo. Nas porções Apompu, Jaybu e Maloca são formados igarapés e corpos d'água de grande importância para os indígenas, tanto para atividades de pesca como para servir de vias de acesso a locais de caça, coleta e de importância simbólica. Da perspectiva pedológica, os solos da região intercalam-se de acordo com o relevo e topografia, sendo caracterizados, especialmente, pela intensa lavagem a que são submetidos em função das chuvas. São solos sensíveis à falta de cobertura vegetal quando expostos à erosão pluvial, muito intensa na região. Pelas características geomorfológicas e climáticas, os solos da macrorregião onde está inserida a terra indígena podem ser genericamente classificados como solos de várzea e solos de terra firme. A paisagem em Sawre Ba'pim, nas porções Apompu e Jaybu, é, em grande parte, coberta por pastagem, em decorrência das fazendas de ocupantes não-indígenas. As principais áreas de floresta de terra firme existentes na terra indígena estão majoritariamente na Porção Maloca (sobrepõe ao Parque Nacional da Amazônia), na margem esquerda do Tapajós, e nas manchas de floresta entre as áreas desflorestadas na margem direita, com destaque para a região ao sul, morro do Periquito e morro Queimado. As áreas de florestas são cobertas por vegetação do tipo Ombrófila Densa Submontana, Ombrófila Aberta Submontana e Ombrófila Densa Aluvial. Uma área considerável da TI Sawre Ba'pim é coberta por pastagem para o gado bovino dos ocupantes não-indígenas. Entre as fazendas, são encontradas pequenas manchas de capoeira e açaiçais associados a buritizais localizados à margem dos igarapés. As áreas que atualmente são ocupadas por pastagens eram anteriormente áreas de florestas extremamente importantes para os indígenas na obtenção de recursos. Além das graves perdas ambientais e mudanças na paisagem ocasionadas pelo desflorestamento já instalado, outro problema associado aos grandes fazendeiros da região é o fato de exercerem controle sobre a entrada dos indígenas nas áreas de floresta remanescentes. Na bacia do Tapajós, existe uma grande área de extração mineral, onde o principal bem explorado é o ouro. No entanto, nas imediações da Terra Indígena Sawre Ba'pim, o calcário - matéria-prima para a fabricação de cimento -, é o principal minério explorado. A sede da empresa responsável pela extração e beneficiamento desse bem situa-se às margens do Km 30 da rodovia Transamazônica (sentido Itaituba-Jacareacanga), portanto, a 13 quilômetros da aldeia Sawre Apompu. Cabe destacar, ainda, dois empreendimentos que, se implantados, impactarão a Terra Indígena Sawre Ba'pim: a Ferrovia EF-170 (mais conhecida como Ferrogrão) e a instalação portuária de interesse da empresa Chibatão Navegação e Comércio Ltda no distrito de Mirirituba, município de Itaituba-PA. Além disso, a terra indígena localiza-se na área de influência da Usina Hidrelétrica de São Luiz do Tapajós, em fase de planejamento, e cuja licença ambiental foi arquivada pelo Ibama em 2016.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL:

A "comunidade" Munduruku se refere ao grupo local e consiste no conjunto de famílias extensas ligadas por laços de parentesco, compadrio, políticos e econômicos, que ocupam e utilizam uma mesma porção territorial e reconhecem a autoridade política do cacique. O conceito de comunidade é sustentado pela premissa de que todos os corresidentes são parentes, premissa que se estende ao conjunto do povo Munduruku. A reciprocidade é o valor central da comunidade, que impõe a todos a obrigatoriedade de dar, receber e retribuir. É nos moldes de um padrão moral e ético específico que estrutura a visão de mundo e a organização social contemporânea que é formada a pessoa Munduruku. Os meninos são educados para serem bons pescadores, caçadores, agricultores e, mais recentemente, para serem professores e agentes de saúde. As meninas são educadas para cuidarem bem da casa e das crianças, serem boas agricultoras e cozinheiras; algumas também trabalham como professoras ou agentes de saúde. A vida social Munduruku se fundamenta nos processos articulados de produção, circulação e consumo de alimentos, que se coadunam nas refeições domésticas cotidianas e nas refeições coletivas. A organização social Munduruku se baseia na existência de aproximadamente 38 clãs, divididos em duas metades exogâmicas, que orientam as regras de casamento: ipapacat (vermelha) e iriritat (branca). O tipo de descendência é patrilinear e a regra de moradia é matrilocal, condicionando o rapaz recém-